

RESQUÍCIOS DE MEMÓRIAS – O RESGATE DE VOZES SILENCIADAS NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA CEARENSE DO SÉCULO XIX

Carla Pereira de Castroⁱ

RELATO DE EXPERIÊNCIA



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente desenvolve pesquisas sobre a Literatura de Autoria Feminina Cearense do século XIX e a participação dessas escritoras nos movimentos intelectuais, abolicionistas e feministas da época. Participou da obra *Memorial do Memoricídio – escritoras brasileiras esquecidas pela história*, organizado por Constância Lima Duarte e publicado em 2022. É autora do livro *Resquícios de Memórias– Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX*, publicado em 2019 pela Expressão Gráfica, resgatando a contribuição literária de 71 escritoras nascidas entre 1801 e 1900. *E-mail*: professoracarlacastro@gmail.com.

O estudo sobre as escritoras cearenses do século XIX desenvolvido por mim começou no ano de 2003, quando ingressei no curso de Letras, na Universidade Federal do Ceará (UFC), ainda no primeiro dia de aula, quando o Professor Eduardo Luz, que na época ministrava as disciplinas de Teoria da Literatura e Literatura Cearense II, nos sugeriu como tema de Mestrado o estudo dos autores cearenses para que pudéssemos conhecê-los e valorizar suas obras. Apesar de ainda ter um longo caminho a seguir, a expressão “Literatura Cearense” nunca mais sairia da minha mente.

Sempre quando eu tinha um horário vago entre as aulas, me dirigia à biblioteca para passear por entre as estantes, em busca dos autores cearenses, não os canônicos, pois esses eu já conhecia, como Rachel de Queiroz e José de Alencar; eu gostaria de conhecer outros nomes, outras vozes. No ano de 2006, identifiquei uma lei a qual instituía o dia 17 de novembro como o Dia da Literatura Cearense em honra a Rachel de Queiroz, que nascera nesse dia, em 1910. Diante desse fato, elaborei um projeto em comemoração aos nossos escritores; seria um dia repleto de atividades e homenagens. E apresentei o projeto à Professora Elisabeth Dias Martins, que prontamente abraçou a ideia e me sugeriu uma exposição com fotos de autores cearenses para que as pessoas que fossem visitar a exposição conhecessem o nome, a imagem e as obras desses beletristas.

Foi justamente quando eu estava preparando a exposição que pude comprovar a ausência dos nomes de mulheres nos livros de Literatura. Enquanto eu encontrava cem nomes de escritores, me deparava com cinco nomes de autoras e essa disparidade me fez refletir sobre o que havia acontecido para que as mulheres fossem silenciadas dos cânones das antologias e dos registros historiográficos. Ali mesmo, na biblioteca, decidi elaborar um dicionário que contivesse o maior número de autoras para que quando outras/os pesquisadoras/res precisassem conhecê-las, não tivessem tantas dificuldades. Mal sabia eu que o trabalho a ser trilhado me custaria tantos anos de pesquisa e de dedicação. Ao todo, foram 16 anos até que meu livro – ***Resquício de Memórias: Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX***– ficasse pronto e fosse publicado em 2019.

Visitei várias bibliotecas, tanto da capital como do interior do Ceará, e inclusive fui duas vezes à Biblioteca Nacional (BN), no Rio de Janeiro, para fazer pesquisas, pois naquela época a BN ainda não tinha disponibilizado o seu acervo digitalizado. Até hoje há muitos jornais que não foram digitalizados e que para consultá-los é preciso fazer a pesquisa se dirigindo até a biblioteca. Adquiri muitos livros em sebos *on-line* à procura de referências que contivessem algum registro das escritoras cearenses, – dentre eles:dicionários literários, antologias e livros

de crítica e historiografia literária. Busquei famílias, descendentes, mas todas as veredas eram estreitas e de difícil acesso.

Até aquele momento, nunca tinha ouvido falar em “memoricídio” e ficava todo tempo fazendo a mesma indagação: “O que teria ocorrido para que as nossas escritoras ficassem invisibilizadas?”. Eu não poderia ter como referência os estudiosos que tinham me antecedido no aspecto dos estudos sobre a Literatura Cearense, pois se assim o fizesse, não teria muito a acrescentar com minha pesquisa; eu precisava buscar outras fontes que não estavam nas referências e, dessa forma, fui encontrando aquilo que tanto procurava.

Devo muitos agradecimentos às pesquisadoras que me antecederam e que tiveram muito trabalho quando iniciaram suas pesquisas, pois naquela época não havia tantos recursos como a internet. Dentre elas, Adalzira Bittencourt, que na década de 1940 começou essa empreitada na construção de um dicionário que pudesse conter todos os nomes de escritoras brasileiras. Infelizmente ela faleceu antes de concluir o seu intento. Publicara três volumes do dicionário que contemplaram apenas a letra “A”. Outro nome de investigadora que se dedicou a esse ofício foi Nelly Novaes Coelho, que concebeu o clássico *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. E também a brilhante e competente Zahidé Muzart, que criou a Editora Mulheres e que juntamente com Constância Lima Duarte foram responsáveis pela publicação dos três volumes sobre as escritoras brasileiras do século XIX.

Dois fatos me impulsionaram a concluir o meu objetivo. O primeiro foi ser contemplada no edital das artes da SECULTFOR no ano de 2016, quando eu consegui a verba para a publicação da pesquisa. E a minha aprovação na seleção do mestrado, em 2017, quando o meu objeto de pesquisa eram as escritoras cearenses do século XIX. No ano de 2018, já mestranda, fui assistir a um evento sobre Literatura de Autoria Feminina quando ouvi pela primeira vez o termo “memoricídio”, citado pela pesquisadora Constância Lima Duarte, e que se referia à morte da memória, que a professora esclareceu que era justamente o que havia ocorrido com as nossas escritoras – aliás, com as escritoras do mundo inteiro. Poucas haviam sobrevivido a esse apagamento. A maioria delas estava silenciada pelos historiadores, pesquisadores, por seus companheiros, irmãos, pais, por aqueles que não aceitavam que a mulher pudesse escrever e publicar, pelo machismo que ainda hoje persiste em calar a voz das mulheres.

No decorrer da organização do meu livro, encontrei muitos obstáculos a serem superados. Dentre eles, bibliotecas interditadas, como a Biblioteca Estadual do Ceará (BECE), que permaneceu oito anos fechada para reforma, sendo inviável a realização de pesquisas nesse ínterim.

A falta de acesso a obras raras foi outro desses desafios. Como eu estava pesquisando sobre as escritoras cearenses do século XIX e suas obras tinham sido publicadas entre o final do século XIX e o início do século XX, essas obras também estavam inacessíveis, situadas em acervos raros, deterioradas ou nas mãos de bibliófilos. Em alguns poucos registros que encontrei sobre escritoras cearenses – dentre eles, no *Dicionário da Literatura Cearense*, de autoria de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa –, havia algumas inconsistências como, por exemplo, o título do livro de Abigail Sampaio, que estava grafado *Luar de Pátria* e que, devido esse erro, por muitos anos, procurei essa obra e nunca a encontrei. Foi quando eu adquiri os dicionários de Adalzira Bittencourt, como expus anteriormente; a pesquisadora só conseguira contemplar a letra “A”; e Adalzira, em entrevista a um jornal da época, relatou o percurso do seu trabalho. Ela enviava cartas para as escritoras solicitando fotos, informações e exemplares de seus livros e poucas lhe retornavam. Muitas não queriam informar datas e nem enviar fotos. Entretanto, certamente Abigail atendeu ao seu pedido e lá estava grafado corretamente o nome do seu livro, que não era *Luar de Pátria*, mas sim *Luar de Prata* (grifo meu).

E foi exatamente por um erro de grafia que jamais eu encontraria o livro ou alguma referência sobre ele. Se você, leitora ou leitor, está achando grave o erro aqui descrito, imagine se a pesquisadora/dor ou /historiadora/dor houvesse errado o nome da escritora. Esse erro seria mais grave ainda, e isso aconteceu aqui no Ceará. Pegando como base o mesmo dicionário de Maria da Conceição, encontrei o nome de Antonieta Sampaio e por anos procurei a escritora e alguma obra sua e jamais encontrei. Em 2019, quando já estava finalizando a escrita de meu livro, resolvi mais uma vez percorrer as bibliotecas em busca da única obra sua que eu tinha conhecimento, *Relíquias do Coração*, e vi que na BECE havia dois exemplares. No cadastro só constava o título do livro e não havia registro do nome da autora; a biblioteca estava em reforma, mas havia um anexo no prédio da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), onde era possível fazer pesquisas com agendamento prévio para ver os microfimes e realizar algum empréstimo de livro. Corri para lá na tentativa de fazer o empréstimo, porém, fui informada pela bibliotecária que só era possível realizar o empréstimo se houvesse vários exemplares do mesmo título, o que não era o caso, e como no registro só constavam dois exemplares, eles não se encontravam lá naquela sala, estariam dentro de uma caixa e não seria possível localizá-la de imediato.

Fiquei imensamente triste e frustrada nesse dia, contudo, ainda haveria uma chance de localizar o livro. Dessa vez, na biblioteca da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Eu não era mais aluna de lá, mas a minha irmã estava fazendo um curso de graduação e poderia ter acesso

a empréstimos, e assim ela fez. Quando chegou em casa à noite e me entregou o livro, tive uma nova surpresa: o nome da escritora não era Antonieta, mas sim, **Antônia** Sampaio Fontes (grifo meu). De posse dessa informação, consegui localizar o seu neto, que me informou da publicação de outros livros e desse erro na grafia do nome de sua avó e que infelizmente se multiplicara em outras fontes. Eu fiquei imensamente feliz por poder fazer essa correção no nome da escritora.

Na obra *Resquícios de Memórias – Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX*, consegui reunir 71 mulheres nascidas no século XIX, que publicaram obras, escreveram para jornais, participaram de movimentos abolicionistas e intelectuais e que ainda assim permaneciam silenciadas. Com essa obra, possibilito a estudantes e pesquisadoras/es conhecer os nomes e as obras dessas intelectuais que estavam soterradas no esquecimento. Com a invisibilidade delas não seria possível fomenageá-las nomeando ruas, escolas, institutos culturais nem lembrar de seus feitos e de suas memórias.

Infelizmente, tive acesso a poucas famílias de descendentes dessas escritoras e muitos deles não puderam contribuir comigo, pois não haviam guardado as obras nem as lembranças de suas ancestrais beletistas. Apenas pude contar com o apoio de quatro famílias. Encontrei um neto de Anna Nogueira Baptista, o Sr. Geraldo Nogueira Batista, que juntamente com o apoio de sua esposa, a escritora Ana Maria Lopes, puderam me fornecer algumas informações sobre como tinha sido a vida da poetisa após sua saída do Ceará. Ademais, ele prontamente me enviou um exemplar de *Versos*, único livro publicado em vida por Anna Nogueira Baptista, que fotocopiei, e onde pude encontrar mais dados sobre a sua obra.

A minha admiração por Anna Nogueira foi fundamental para que eu desenvolvesse esse trabalho de pesquisa. Logo no início do curso de Letras, me interessei pela Padaria Espiritual, um movimento literário surgido no final do século XIX, descrito como uma agremiação de rapazes de letras e artes, mas que no seu periódico, *O Pão*, haviam sido publicados dois poemas de Anna Nogueira. Ela foi a primeira escritora a quem me dediquei a estudar. Esse feito me impulsionou a buscar referências sobre as outras autoras daquela época.

Depois de muito tempo de pesquisa, também encontrei o neto de Antônia Sampaio Fontes, o Sr. Eduardo Fontes, como descrevi anteriormente.

Na casa de Juvenal Galeno, com a autorização do bisneto de Juvenal, tive acesso a diversos números da revista *Jangada*, nos que encontrei alguns poemas de Henriqueta Galeno que foram incluídos no seu verbete. Henriqueta, a idealizadora da Falange Feminina, posteriormente nomeada como Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, dedicou toda a sua vida aos cuidados com o pai e com a casa que se transformou em um abrigo para intelectuais

cearenses e para quem se interessasse em conhecê-la. Com saraus, palestras, lançamentos de livros e amadrinhamento de artistas, Henriqueta teve papel fundamental como representante cearense nos encontros feministas idealizados por Berta Lutz, mas que em vida, desafortunadamente, não deixou nenhum livro publicado.

E no dia do lançamento do meu livro, em outubro de 2019, tive a felicidade de encontrar vários descendentes das irmãs Abigail Sampaio e Maria Sampaio prestigiando o momento.

Nesse relato contei, em breves páginas, como foi o meu percurso e um pouco dos muitos desafios que enfrentei para que o resgate dessas beletistas cearenses do século XIX fosse viabilizado e materializado em meu primeiro livro. Tenho a convicção de que se eu passasse mais tempo investigando, certamente encontraria outras mulheres que deixaram suas marcas nas páginas de jornais e de livros daqueles idos, contudo, infelizmente, o tempo se encarregou de apagar suas histórias.

Muitas pessoas me perguntam sobre as novas pesquisas, as novas publicações. Sempre hesitei em continuar, pois sei que o trabalho é imenso, mas hoje vejo que é preciso fazer essa contribuição, que junto à de outras e outros que investigamos nessa mesma seara, trabalhamos de forma abnegada para que a **LITERATURA DE AUTORIA FEMININA CEARENSE** tenha, enfim, o seu reconhecimento e desfrute, doravante, do prestígio que merece.